

A importância da Linguística Popular para a definição do conceito de dor e sua utilização na área da Saúde

The importance of Folk Linguistics for defining the concept of pain and its use in the Health field

Sandra Miranda Goraieb¹, Beatrice Faccini², Roberto Leiser Baronas³

Resumo: Este artigo trata da conceituação do sintagma “dor” para o uso laboral no campo das ciências da saúde e da relevância de não linguistas nessa construção. Tal conceito foi instituído para além dos registros lexicais presentes nos dicionários por uma demanda profissional não suprida suficientemente para uso laboral no campo. Houve a necessidade de uma padronização do conceito para que os profissionais pudessem ter clareza e uma base comum de entendimento sobre o fenômeno, dado que o tema prevê uma multiplicidade de fatores causais e semânticos além de diferentes categorias de agentes terapêuticos envolvidos: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais etc. É relevante destacar que nenhum dos profissionais que participaram nessa conceituação era linguista. No Brasil, a tradução, apesar de ter sido realizada por tradutor juramentado, também não explicita a figura do linguista nesse processo. Mobilizamos para a análise os trabalhos de Niedzielsky, Preston, Paveau, xxx, Gonçalves e Conti sobre Linguística Popular (Folk Linguistics).

Palavras-chave: Dor; Linguística Popular; Semântica Popular; Conceituação

¹ Sandra Miranda Goraieb, médica, TEA, TETI, FIPP, mestranda em Linguística, UFSCar ORCID: 0009-0007-3992-1244 sgoraieb@estudante.ufscar.br

² Beatrice Faccini, bacharela em Linguística, mestranda em Linguística, UFSCar ORCID: 0009-0006-0515-6639 beatricefaccini@estudante.ufscar.br

³ Roberto Leiser Baronas, professor titular do Dep. De Letras da UFSCar, Coordenador do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDiM ORCID:0000-0003-0758-0370 baronas@ufscar.br

Abstract: *This article addresses the conceptualization of the syntagma “pain” for professional use in the field of health sciences and the relevance of non-linguists in this construction. This concept was established beyond the lexical records found in dictionaries due to a professional demand that was not sufficiently met for practical use in the field. There was a need to standardize the concept so that professionals could have clarity and a shared basis of understanding about the phenomenon, given that the topic involves a multiplicity of causal and semantic factors, as well as different categories of therapeutic agents involved: physicians, nurses, physical therapists, psychologists, social workers, occupational therapists, etc. It is important to highlight that none of the professionals who participated in this conceptualization were linguists. In Brazil, although the translation was carried out by a sworn translator, it also does not make explicit the presence of a linguist in this process. For the analysis, we draw on the works of Niedzielsky, Preston, Paveau, xxx, Gonçalves, and Conti on Folk Linguistics.*

Key-words: *Pain; Folk Linguistics; Folk Semantics; Conceptualization*

Introdução

A “Folk-linguistics”, neste texto tratada como “Linguística popular” é o ramo da Sociolinguística que estuda as manifestações metalinguísticas sobre a linguagem produzida por não-linguistas. Frequentemente, tais manifestações são sujeitas a certo preconceito por parte dos acadêmicos, dado o seu caráter informal, consideradas as suas afirmações muitas vezes imprecisas e baseadas em intuição, que fogem do rigor científico. A questão da cientificidade é sempre posta em evidência quando tratamos desses registros populares. Por serem registros espontâneos, eventualmente exprimindo preconceitos culturais, etimologias falsas, experiências pessoais em confronto com a metodologia e a epistemologia estabelecidas no campo da Linguística, tornam-se motivo de desdém pelos acadêmicos. Porém, tal fenômeno existe e não pode deixar de ser estudado, pois é exatamente a confirmação de que o ser humano fala e avalia o que fala. Ocorre assim uma reflexão sobre o que é dito, chegando às vezes a um policiamento ideológico que permeia o que se diz, como se diz e o que isso possa significar. E não é essa mesma curiosidade e vigilância a base que levou ao próprio estudo da linguagem?

A “Linguística popular” permeia, de conseguinte, nossas vidas e atividades. É um saber prático, estabelecido na cotidianidade, por pessoas comuns, usuárias da língua, que refletem e opinam sobre ela, e embora essa prática seja ancestral, o reconhecimento desse campo de estudo é recente. E é

no âmbito de permitir uma análise de como e por que esses discursos que falam da língua a afetam, que reside a importância da Linguística popular.

Neste artigo trataremos do conceito de “dor”. Dor é, assim como a linguagem, uma experiência humana transversal: complexa, multifacetada, permeada por valências socioculturais. Apresentaremos inicialmente alguns dos registros lexicais do sintagma “dor”; seja aqueles disponíveis nos dicionários de língua portuguesa, seja alguns registros populares, para que depois abordemos a definição técnica oficial para uso científico na área da Saúde prescrita pela IASP (*Internacional Association for the Study of Pain*) e endossada pela Organização Mundial da Saúde, assinalando a importância dos não linguistas no estabelecimento desse conceito amplamente utilizado no campo e considerado perfeitamente “científico”.

Fundamentação teórica

Henry M. Hoengniswald foi um pioneiro nos estudos da *Folk-linguistics*, que, na década de 1960, reconheceu os saberes espontâneos como constituintes de toda ciência. Preston e Niedzielski consideraram que a tradição seria mais antiga, mas concordam que foram as apresentações de Hoengniswald, em conferência na Universidade da Califórnia de Los Angeles (UCLA), no ano de 1964, que propuseram a terminologia “Folk-linguistics” para esse campo de estudos onde o falante não linguista estipula suposições sobre a linguagem e seu uso, focando não apenas no que acontece no idioma, mas também no que as pessoas dizem sobre ele (Gonçalves, xxx, Conti, 2021). Em 1966, ele publica o texto da conferência sob o título: *A proposal for the study of folk linguistics* (Uma proposta para o estudo da linguística popular), que é considerado o texto inaugural do campo pela maioria dos estudiosos (HOENINGSWALD, 1966).

A aceitação do conceito não foi imediata ou uniforme. Bloomfield antagonizava o pensamento de Hoengniswald, considerando os não linguistas como incapazes de pensar a linguagem, cheios de crenças sobre “linguagens primitivas”, não evoluídas ou pobres, mostrando um desconhecimento ou negação da existência da ciência da linguagem e, conseqüentemente, teriam pouco a contribuir para os estudos acadêmicos no campo (NIEDZIELSKY;

PRESTON, 2003). Hymes, porém, considera em seu texto de 1983, *Essays in the History of Linguistic Anthropology*, que todas as condições na comunidade são fontes de dados linguísticos, afirmando que os estudos das manifestações populares –falantes não linguistas- poderiam trazer luz para uma série de interesses e motivos para reflexões sobre a língua, seu funcionamento e suas raízes, indicando, ao contrário de Bloomfield, que esses dados poderiam ser integrados nas análises das realidades linguísticas de uma dada comunidade e língua estudadas. Ainda há controvérsias sobre o tema apesar dos avanços e legitimação obtida pelo campo nos estudos da linguagem.

A Linguística Popular pressupõe que saberes linguísticos podem ser produzidos por não especialistas no ato da linguagem, que falantes comuns exercitam o pensamento sobre a língua e falam sobre ela, inclusive em termos teóricos. Conforme descrevem Niedzielsky e Preston em *Folk Linguistics* (2021): “a Linguística Popular tem como objetivo descobrir e analisar crenças e atitudes em relação à linguagem **em todos os níveis de produção linguística**, percepção e incorporação cognitiva, coletando e examinando comentários abertos sobre ela por não linguistas”. Atitudes linguísticas, segundo define Bagno no seu “Dicionário Crítico de Sociolinguística”, são: “opiniões, concepções ou mesmo manifestações concretas que as pessoas têm acerca de sua própria língua, da língua de outros grupos sociais e sobretudo da variação linguística” (BAGNO, 2017).

Preston e Niedzielsky desenvolveram um diagrama triangular para representar a Linguística Popular onde temos: a) o que as pessoas dizem (estados e processos que a governam), b) como as pessoas reagem ao que é dito e c) o que as pessoas dizem sobre: 1. O que é dito; 2. Como é dito; 3. Como elas reagem ao que foi dito; 4. porque elas falam o que falam. Os autores também criam uma abordagem para a Linguística Popular, apontando para as relações com outros estudos linguísticos como a Dialetoлогия Popular, a Sociolinguística, a Linguística Aplicada, os estudos do folclore e Etnografia, além da Pragmática Popular. Como falamos de linguagem, essa obviamente inclui os aspectos fonéticos, sintáticos e semânticos populares (NIEDZIELSKY; PRESTON, 2000).

Paveau, por sua vez, propôs dez tipologias entre os linguistas profissionais e os locutores comuns. Segundo a autora, existe um *continuum* entre esses polos e ela os identifica assim: 1) linguistas profissionais; 2) cientistas não linguistas (historiador-linguista, sociólogo-linguista etc. No nosso caso, médicos e outros profissionais ligados ao estudo da dor); 3) linguistas amadores; 4) militantes; 5) logófilos, glossomaníacos e “fanáticos por linguagem”; 6) corretores-revisores-redatores; 7) escritores, ensaístas; 8) crianças; 9) ludo-linguistas e 10) locutores comuns (PAVEAU, 2020).

As práticas na Linguística popular podem ser classificadas como: descritivas, prescritivas, intervencionistas, emancipatórias (aqui podendo ser originárias e neologizantes), sagradas e profanas.

Práticas na LP	características
Descritivas*	Conjunto de descrições e pré-teorizações linguísticas do funcionamento da língua, fortemente embasada pelas percepções de adequação entre os nomes e as coisas. Recomendações do que é correto, bonito, satisfatório, feio, deselegante...
Prescritivas*	Normativismo aliado ao purismo como marca para determinar o “falar bem” ou “mal”, condenação de neologismos, empréstimos, feminização de nomes. Suportada pelo léxico e pela ortografia. Forma típica é a oposição entre “diga isso” e “não diga isso”.
Intervencionistas*	Proposições geralmente espontâneas, regularizantes, destinadas a facilitar o uso da língua, tornando-a mais democrática.
Emancipatórias* (Originárias e Neologizantes),	O dicionário e o léxico é elemento importante no ativismo. O militantismo social ou político é baseado em um discurso sobre palavras. Exemplos: linguagem neutra, ser “negro” ou “preto”. Embora pareça similar à

	prescritiva, contém uma proposição ética que a prática prescritiva prescinde.
Sagradas **	Trata a língua como algo intocável, sagrado, vinculada a valores identitários, nacionalistas ou religiosos. Quaisquer mudanças romperiam a sacralidade da língua. Ex.: A “língua de Camões” não pode ser vilipendiada.
Profanas **	Banalizam e relativizam a língua, tratando-a como um instrumento prático. Ex.: gírias, memes, contrações...

Tabela 1. Práticas em Linguística Popular. Adaptado de: * Paveau, 2020; ** xxx, 2022

Lexicografia do verbete “Dor”

Para que possamos avaliar as intervenções populares, precisamos conhecer o que está descrito nos dicionários pelos lexicógrafos. Faremos aqui um apanhado dos dicionários mais comuns do português brasileiro, depois trataremos de intervenções populares sobre o sintagma “dor”. Por último, traremos a definição do conceito de dor vigente no campo da saúde e validada para uso pelos profissionais de todas as áreas de atuação.

No dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975, p.490), dor é descrita como:

Dor (Do lat. dolore) S.f. 1. Impressão desagradável ou penosa, proveniente de lesão, contusão ou estado anômalo do organismo ou de uma parte dele; sofrimento físico: Sente no corpo uma dor generalizada; Está com dor de dentes. 2. Sofrimento moral; mágoa, pesar, aflição: Grande foi sua dor com a morte do pai. 3. Dó, compaixão, condolência: sentir dor da pobreza de alguém. [Pl. dores] ...

Percebe-se, então, que o termo “dor”, nesse recorte, é entendido como sofrimento físico decorrente de lesão; sofrimento moral e dó. Em seguida, o mesmo dicionário apresenta outras definições de dor: “cansada”, “ciática”, “fulgurante”, “terebrante” (esta última, em franco desuso pelos falantes,

inclusive na área médica e entre os especialistas). Tais definições especificam e caracterizam o termo analisado.

No Mini-Aurelio (2008), o termo tem as seguintes designações:

“Dor 1.med. Sensação de sofrimento, decorrente de lesão e percebida por formações nervosas especializadas. 2.Fig. Mágoa, pesar.” (FERREIRA, 2008, p.328).

Nota-se que Ferreira (2008) realiza uma definição mais sucinta do sintagma “dor”. No entanto, o termo continua apresentando as seguintes designações: dor como uma sensação fisiológica relacionada à lesão, nocicepção; ou “dor” como uma sensação subjetiva, sofrimento moral, mágoa.

No Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Michaelis (2015, on-line)

Dor: sf **1** (Med) Sensação desagradável ou penosa, de intensidade variável, causada por um estado anômalo do organismo ou parte dele e mediada pela estimulação de fibras nervosas que levam os impulsos dolorosos para o cérebro; sofrimento físico. **2** Estado de espírito caracterizado por decepção, desgosto ou desgraça; sofrimento moral; decepção, dissabor, mágoa: A dor de saber que nunca mais o veria. A dor que a consome é a de não ter aproveitado a vida. **3** Sentimento de quem lamenta ter cometido um erro, uma falta, prejudicando a si mesmo ou a outrem; arrependimento, pesar, remorso: Convive com a dor de saber que delatou o melhor amigo. A dor dos pecados. **4** Sentimento de pesar com relação a alguém ou a si mesmo; comiseração, dó, piedade: A dor de acompanhar a degradação física do irmão doente.

Apresentam-se definições de “dor” como sofrimento físico, sofrimento moral, lamentação e pesar. Nesse dicionário, houve uma ampliação do sentido do termo analisado em relação aos dicionários anteriores. Tal fenômeno pode ser decorrente da data deste dicionário ser mais recente em comparação aos demais.

No “Pequeno Dicionário Houaiss da língua portuguesa” (2015, p.351):

Dor/ô/[pl.: -es]s.f.

1 sensação desagradável em qualquer parte do corpo, causada por doença, traumatismo, corte, etc. ∪ bem-estar

2 sofrimento psicológico ou emocional• quis dividir sua d. ∪ prazer

“Dor” é descrita, então, como sofrimento físico e sofrimento psicológico ou emocional. No presente dicionário, o termo também é colocado em oposição aos sintagmas “bem-estar” e “prazer”.

No Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (CEGALLA, 2008, p. 321), dor é definida como se segue:

dor (ô) s.f. **1.** sofrimento físico: dor de garganta, **2.** Sofrimento moral; pesar: Sentia uma dor funda ao coração. ***dor de cabeça** preocupação: Este projeto tem dado muita dor de cabeça. **tomar as dores de alguém** exigir reparações por males causados a outra pessoa.

Cegalla (2008) apresenta o termo “dor” como sofrimento físico e sofrimento moral, bem como os demais dicionários apresentados.

No dicionário “Oxford Languages” (on-line, em 08/10/2025, disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>)

dor¹ /ô/ substantivo feminino

1. MEDICINA sensação penosa, desagradável, produzida pela excitação de terminações nervosas sensíveis a esses estímulos, e classificada de acordo com o seu lugar, tipo, intensidade, periodicidade, difusão e caráter."d. de cabeça"

2. mágoa originada por desgostos do espírito ou do coração; sentimento causado por decepção, desgraça, sofrimento, morte de um ente querido etc. "a d. de ver por terra os seus sonhos"

“Dor”, portanto, é entendida como sofrimento físico ou mágoa nesse dicionário.

No Dicionário Informal, on-line, em 10 de maio de 2025, encontramos definições populares que, em alguns casos, se aproximam das descritas nos dicionários e em outros menos. Cito as encontradas a seguir:

1. Enviado por marlon (SP) em 02-07-2009:

*Significado de **Dor***

Sensação de sofrimento, decorrida de lesão e percebida por formações nervosas especializadas , mágoa, pesar.

*Possuo uma grande **dor** no peito, devida a mágoas que já sofri.*

2. Enviado por Dicionário inFormal (SP) em 16-07-2015

Dor é o que sentimos no momento delicado e afastado do dia

3. Enviado por () em 04-04-2017

Significado de **Dor**

Quando você ama alguém e não é correspondido.

*Eu sinto **dor** por você!*

4. Enviado por Dicionário inFormal (SP) em 03-04-2015

Significado de **Dor**

Sensação desagradável.

*Estou com **dor** no coração.*

5. Enviado por carlos lins (RJ) em 19-12-2011

Significado de **Dor**

É uma sensação incômoda, mais importante no corpo, para que seja diagnosticada a causa.

*Qualquer sintoma de **dor**, procure um médico especialista.*

6. Enviado por Te dou o cú também se quiser. KKK (RJ) em 05-11-2013

Significado de **Dor**

Sensação incômoda causada por sensores nervosos na pele que servem para avisar de alguma lesão ao organismo.

*Ontem eu fui dar o cu pro meu amigo e estou sentido **dor** até agora.*

Tal dicionário, ainda que configure verbetes para o termo “dor”, é um pouco diferente dos demais que foram apresentados. Isso porque, embora algumas pessoas também definam o termo da mesma forma que os dicionários tradicionais (sofrimento moral, físico, mágoa, pesar), mantendo o gênero verbete, os autores das definições não necessariamente são estudiosos ou especialistas da área de linguagem. Nesse sentido, o dicionário informal é uma modalidade de uso e documentação da Linguística popular, ou seja, do modo

como não especialistas entendem a língua, criam definições e exemplos para termos em uso.

Há outras modalidades de expressão popular sobre “dor”. Há formas mais ou menos poéticas para defini-la. Um bom exemplo, inclusive pelo modelo verbete adotado pelo autor, é o de Aka poeta, alter ego de João Doederlein, em seu “Livro dos Resignificados” (2017), que define dor como se segue:

Dor (s.f) É um beliscão da vida para a gente saber que fez coisa errada. Lembrete. É incômodo. Às vezes é na alma mesmo. Pode ser física e emocional. Remédios às vezes mandam embora, mas dormir sempre resolve. Não é vilã, é só uma mensageira mal encarada.

Post-it na geladeira da alma.

Essa definição de “dor” difere um pouco das demais pelo modo como Doederlein (2017) construiu seu texto. Nesse sentido, embora o autor também configure o termo “dor” como sofrimento físico ou emocional, assim como Houaiss (2015) e outros dicionários previamente apresentados, ele o faz de modo poético, subjetivo. Esse modo de escrita insere seu texto em um campo literário, mas também reforça a presença (e existência) dos instrumentos linguísticos (dicionários, gramáticas, vocabulários,...) no cotidiano dos indivíduos, uma vez que a definição seguiu o molde de dicionários tradicionais (à medida que houve manutenção do gênero verbete), mas trouxe uma visão mais reflexiva, pessoal, para um termo amplamente conhecido na sociedade.

Porém, as definições citadas e presentes nos dicionários não são suficientes no campo técnico para abranger as questões práticas que se apresentam para os profissionais da saúde. Desse modo, fez-se necessário a criação de uma definição que abrangesse esses aspectos para quem trabalha no tratamento, cura e manejo da dor.

Para fins de utilização na área da Saúde, a definição de Dor foi estabelecida pela IASP (*International Association for the Study of Pain*), que é a Associação Internacional para o Estudo da Dor, por meio de análises do subcomitê de Taxonomia - ramo da Biologia destinado à nomenclatura - no intuito de conceber um conceito técnico unificado para uso dos profissionais,

para que o sintagma fosse compreendido por todos nas diferentes áreas da terapia antálgica.

A atual definição de dor, concebida em 1979 e que se encontra disponível no site da instituição, foi complementada em 2020 por seis notas explicativas abordando aspectos que enriquecem e esclarecem o conceito principal e conceitua a dor como: *An unpleasant sensory and emotional experience associated with actual or potential tissue damage, or described in terms of such damage*, traduzida como: **uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial.**

Desde 2020, seguem-se seis notas explicativas complementares, necessárias para suprir as lacunas observadas no campo:

1. A dor é sempre uma experiência pessoal que é influenciada, em graus variáveis, por fatores biológicos, psicológicos e sociais. 2. Dor e nocicepção são fenômenos diferentes. A dor não pode ser determinada exclusivamente pela atividade dos neurônios sensitivos. 3. Através das suas experiências de vida, as pessoas aprendem o conceito de dor. 4. O relato de uma pessoa sobre uma experiência de dor deve ser respeitado. 5. Embora a dor geralmente cumpra um papel adaptativo, ela pode ter efeitos adversos na função e no bem-estar social e psicológico. 6. A descrição verbal é apenas um dos vários comportamentos para expressar a dor; a incapacidade de comunicação não invalida a possibilidade de um ser humano ou um animal sentir dor.

Dela depreendemos que dor é uma experiência subjetiva, na qual a presença de uma lesão não é necessária para que seus efeitos se produzam, bastando o caráter potencial. O caráter sensorial e afetivo da experiência é prioritário na sua conceituação, em detrimento da nocicepção, como claramente explicitado na segunda nota. Também não se restringe à atividade neural periférica, pois esta seria somente uma sinalização e não uma interpretação do fenômeno.

Cabe ressaltar que os membros do subcomitê que elaborou e revisou o conceito oficial de “dor” para uso no campo das ciências médicas e da saúde, é constituído na sua totalidade por médicos, como listado no site da IASP, enquanto as notas, além dos médicos também incluíram contribuições de

outros profissionais da área da Saúde, a saber: psicólogo, enfermeiro e neurocientistas. Ou seja: é uma designação elaborada **por não linguistas** (uma vez que nenhum deles têm formação em ciências da linguagem). Essa observação é relevante no que concerne o aspecto linguístico implicado na descrição do sintagma. Os componentes do grupo de taxonomia são listados em:

<https://iaspfiles.s3.amazonaws.com/production/public/2021/AdditionalContributors.pdf>

Análise:

A relevância da Linguística Popular no caso específico é gigantesca, dado que todos os profissionais da área de saúde se pautam por uma definição do termo “dor” cunhada num âmbito que extrapola a lexicografia. Esta definição, ou conceituação, foi construída no campo, por **não linguistas** (previstos na classificação de Paveau como “cientistas-linguistas”) e ajustada ao longo dos anos de acordo com as necessidades verificadas pelos próprios profissionais no uso do sintagma na prática. Essas adequações foram fruto das demandas reais trazidas pelos pacientes nos consultórios e ambulatórios e pela evolução no conhecimento dos fenótipos da dor, em especial da dor crônica.

Para a área da Saúde, o conceito “oficial” de Dor da IASP inscreve-se nas práticas descritivas, prescritivas e intervencionistas. Ele descreve o fenômeno, determina seu uso no campo, corrigindo e complementando os conceitos lexicográficos estabelecidos e propondo mudanças no uso do sintagma (principalmente dentro de um grupo específico de falantes, com o intuito de uniformizar o entendimento entre pares).

A dor crônica, hoje reconhecida como entidade nosológica “per se” e não mais apenas um sintoma semiológico de ruptura homeostática, passou por uma mudança de paradigma na compreensão de seus mecanismos. No entanto, aqueles que a sofrem, ainda a percebem como um fenômeno único: “dor”. Do ponto de vista de quem sente, dor é dor. Do ponto de vista de quem trata, dor possui uma série de diferenças intrínsecas na tipologia, agentes etiológicos, mecanismos envolvidos, tratamentos mais ou menos eficazes.

Essas diferenças podem ser claramente vistas comparando as definições de dor presentes nos dicionários regulares e populares em contraposição àquela da IASP.

Também é relevante dizer que o que trazemos nesse texto é a tradução para o português brasileiro realizada por tradutor juramentado, não necessariamente um linguista, contratado pela SBED (Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor), a representação no Brasil da IASP.

A Linguística já é reconhecida como necessária para a validação de escalas e questionários originalmente escritos em línguas estrangeiras e adaptados para o Brasil para serem reconhecidas no campo científico e acadêmico. Ela confere a esses instrumentos a necessária adequação para uma compreensão uniforme do proposto, garantindo a equivalência cultural entre populações diferentes, além de garantir a preservação das propriedades psicométricas de confiabilidade. Porém, é ainda usada de forma marginal na área da Saúde. No caso específico da definição de Dor, não pudemos acertar junto à SBED (Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor, ramo da IASP) se o profissional tradutor possuía essas competências. Houve, apenas, a validação jurídica da tradução do proposto da língua inglesa para o português brasileiro. O conceito é reconhecido e amplamente aceito por todos os profissionais na área da Saúde apesar disso.

Considerações finais:

O exemplo que trouxemos neste artigo demonstra a relevância da atuação de não linguistas como agentes determinantes para a definição e compreensão do termo “dor” e sua aplicação no campo das ciências da saúde. Essa é considerada naturalmente legítima por se configurar como parte de um discurso constituinte (MAINGUENEAU, 2000), que elabora, acolhe e corrobora a definição proposta dentro do próprio campo como “científica” mesmo sem a contribuição de linguistas.

De fato, as necessidades observadas no campo foram para além das definições presentes nos dicionários e pediram uma intervenção dos próprios profissionais para a solução do problema que se punha na prática. O termo definido pelos cientistas/médicos não linguistas adquire uma relevância

semântica superior aos cunhados pela Lexicografia para fins laborais entre os profissionais da saúde. É interessante observar que, as definições para uso laboral e suas notas explicativas, possuem características peculiares que extrapolam as necessidades do falante comum e tentam suprir as carências encontradas no seu uso.

Infelizmente, a Linguística, nos seus mais diversos domínios e subdomínios, ainda é muito tímida no que concerne à interação de suas práticas e as de outras disciplinas, apesar da linguagem permear todos os campos de atividade humana. Essa observação traz uma reflexão de como uma maior proximidade entre as ciências poderia ser útil para toda a sociedade.

Referências:

1. BAGNO, Marcos. Dicionário Crítico de Sociolinguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 21
2. XXX; CONTI, T.C.B; GONÇALVES, M.R.B. Linguística popular/Folk linguistics: saberes linguísticos de meia tigela? Campo Grande, MS. EdUFMS, 2021.
3. xxx; NAZZARI, Marinez. Práticas da linguística popular sagrada e profana. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 20, n. 2, 2022, p. 1-22. DOI: <https://doi.org/10.21747/1679-3404/casa20v2a1>.
4. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª edição, 14ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975, p.,490.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: O minidicionário da Língua Portuguesa*. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008, p. 328.
6. DOR in Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Ed. Melhoramentos – [Dor | Michaelis On-line](http://www.uol.com.br/dor/) (uol.com.br)
7. DOR in HOUAISS, Antônio. *Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015, p. 351.

8. DOR in Dicionário Informal, S. Paulo, disponível em:
<https://www.dicionarioinformal.com.br/dor> , em 10 de maio de 2025.
9. DOR in CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2ª. Edição, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 2008 (1ª. Reimpressão, 2009) p. 321
10. DOEDERLEIN, João O Livro dos Resignificados, 1ed. – São Paulo: Paralela, 2017
11. GONÇALVES, M.R.B. *A Linguística Popular e a Historiografia Linguística*. Revista da ABRALIN, [S.l.], v.20, n.3, p. 609-620, 2021 DOI: 10.25189/rabralin.v20i31972. Disponível em:
<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1972>
12. HOENIGSWALD, Henry M. *A proposal for the study of folk linguistics*. In: BRIGHT, William (Ed.). *Sociolinguistics: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964*. The Hague: Mouton, 1966, p. 16-26.
13. MAINGUENEAU, Dominique Analisando Discursos Constituintes. Revista GELNE, vol. 2, n. 2, 2000.
14. NIEDZIELSKI, Nancy A; PRESTON Dennis R. *Folk Linguistics*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 26.
14. PAIN in **IASP** <https://www.iasp-pain.org/resources/terminology/> (*NA: IASP, International Association For the Study of Pain; www.iasp-pain.org)
15. PAVEAU, Marie-Anne. In: BARONAS, Roberto Leiser et al. *Linguística Popular/Folk Linguistics: Práticas, Proposições e Polêmicas – Homenagem a Amadeu Amaral*. 1ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
16. DE SANTANA JM, PERISSINOTTI DM et al, *Definição de dor revisada após quatro décadas* BrPJ, São Paulo, 2020, jul-set;3(3):197-8.
17. RAJA, S. N.; CARR, D. B.; COHEN, M.; FINNERUP, N. B.; FLOR, H.; GIBSON, S.; KEEFE, F. J.; MOGIL, J. S.; RINGKAMP, M.; SLUKA, K. A.; SONG, X. J.; STEVENS, B.; SULLIVAN, M. D.; TUTELMAN, P. R.; USHIDA, T.; VADER, K. *The revised International Association for the Study of Pain definition of pain: concepts, challenges, and compromises*. Pain. v. 161, n. 9, p. 1976-1982, 1 set. 2020. DOI: 10.1097/j.pain.0000000000001939.

Recebido em: 16-05-2026

Aprovado em: 01-06-2026